



“Comunidades Virtuais e Dificuldades de Relacionamento: Sociabilidades Alternativas?” - Um Estudo de Caso da Comunidade do *Orkut* “Fobia Social”¹

Alan Araguaia Campos Neves²

Universidade Federal do Pará

Resumo

Este artigo se propõe à reflexão sobre as afetividades e relacionamentos sociais propiciados pela Internet, um meio de comunicação radicalmente diverso de seus precedentes, pela horizontalidade do fluxo de informações (de todos para todos). Estuda o caso da comunidade virtual "Fobia Social", hospedada no site de relacionamentos Orkut. A comunidade é bem exemplar da superação das limitações do processo comunicativo, em especial as de ordem psicológica. O trabalho busca evidenciar a intensidade das relações sociais em uma comunidade virtual assentada sobre a afinidade de interesses e dilemas mútuos.

Palavras-chave

Cibercultura; comunidades virtuais; transtornos emocionais.

Introdução

Está em curso nas sociedades contemporâneas, em especial as ocidentais, um processo de convergência cultural que começou de forma mais acentuada com o advento da indústria dos meios de comunicação de massa, que compreende televisão, rádio e cinema, como vetores principais. Essa indústria cultural, para usar o conceito de Adorno e Hockheimer (1947), conseguiu disseminar pelo mundo ocidental arquétipos e estilos de vida que passaram a ser valores quase universais. Obviamente cada região se apropriou das informações veiculadas por essa indústria de forma peculiar, sincretizando-as com as informações tradicionais de seus povos. A indústria cultural não aniquilou o samba, por exemplo, mas o modificou, dando origem a outros estilos, como a bossa nova, a MPB, o tropicalismo, etc. E é bom lembrar que mesmo essa chamada indústria cultural não é uma coisa homogênea, pois ali coexistem diversas gravadoras, estúdios cinematográficos, bandas, emissoras. Se não fossem as gravadoras, os jovens cariocas que criaram a bossa nova dificilmente teriam contato com o *jazz* dos

1 Trabalho apresentado ao GT Comunicação Aplicada ou Segmentada, do VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte

2 Estudante do sétimo semestre de Jornalismo. Bolsista de extensão no Projeto “Tribos Urbanas” (março a dezembro de 2006); atualmente bolsista de extensão do Programa Educamazônia – parceria entre UFPA, Uepa, Museu Paraense Emilio Goeldi e Unicef. e-mail: alan_araguaia@yahoo.com.br



Estados Unidos, influência fundamental para o estilo, e que hoje ninguém nega que é uma música genuinamente brasileira.

Faço essa breve introdução que aparentemente não tem relação com o tema do meu trabalho (comunidades virtuais), para marcar o contraste que há entre essa troca cultural mediada por empresas de comunicação e a nova conjuntura que teve seu *boom* há cerca de uma década, com o advento da Internet. Hoje digitamos em um site de busca as palavras chaves “música cubana” e uma calculadora digital vasculhará no ciberespaço todos os arquivos disponíveis que correspondam à busca. Em alguns minutos, a depender da velocidade da conexão, montamos a nossa programação de músicas cubanas que rádio nenhuma mediou. As possibilidades de trocas culturais aumentaram exponencialmente. Em poucas palavras, os meios de comunicação tradicionais seguem o esquema um-todos de difusão da informação, enquanto a Internet favorece o esquema todos-todos (Levy, 2000).

A comunicação todos-todos que a Internet proporciona, tem o mérito de atualizar instantaneamente as mutações culturais em nível global. É o que Levy e outros filósofos da informação têm chamado de cibercultura. Quanto mais pessoas estiverem conectadas à rede, menos totalizante será essa atualização, e por outro lado mais universal (Levy, 2000). Isso porque cada sujeito adicionará ao ciberespaço novos horizontes, contraditórios, impossibilitando o discurso único. Levy divide esse “movimento social” da cibercultura (um movimento cuja essência é a fragmentação) em três etapas: interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva. Nesse trabalho, abordarei em específico uma comunidade virtual.

“(…) Uma comunidade virtual é construída sobre a afinidade de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.

Para aqueles que não as praticaram, esclarecemos que, longe de serem frias, as relações on-line não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço. Enfim, é raro que uma comunicação por meio de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional, (...)” (Levy 2000, p.127-128)

Quem tem relacionamentos “reais”, (na verdade presenciais, pois o virtual não é o oposto do real) dificilmente substituirá amigos, família, namorados por relacionamentos virtuais. Pelo contrário, terá vontade de encontrar no mundo físico as pessoas que



conheceu no ciberespaço. Hoje em dia, muitos casamentos começam assim. A atitude para tornar os contatos físicos vai da personalidade de cada um. Os indivíduos tímidos têm aí um grande incentivo para perder o medo de se expor: é mais fácil abordar alguém no bate-papo virtual do que em uma festa, onde todas as dimensões do humano estão em jogo (voz, corpo, comportamento, etc.) fazendo com que a exposição seja total. Na Internet, as pessoas vão se “tateando” aos poucos. O primeiro contato é por meio da escrita; depois, envia-se uma foto, se a conversa virtual criou um vínculo de confiança entre as pessoas; quando finalmente as pessoas resolverem se encontrar (se resolverem, pois as decepções já podem surgir nessa primeira forma de contato) já sabem claramente o que as esperam. Isso em uma situação ideal, pois é bastante comum que as pessoas criem personagens na Internet que em nada se assemelham à sua vida cotidiana.

Os sociofóbicos segundo eles mesmos

Não foi à toa que exemplifiquei a interação virtual com as vantagens que ela propicia às pessoas tímidas. Abordarei no trabalho uma comunidade virtual formada por indivíduos que se declaram patologicamente tímidos. Ela é intitulada “Fobia social”. O nome da comunidade se refere a um transtorno de ansiedade catalogado pelo DSM-IV³. Abaixo, segue um trecho que descreve o comportamento de um indivíduo que sofre de fobia social:

O indivíduo com Fobia Social tipicamente evita as situações temidas. Com menor frequência, força-se a suportar a situação social ou de desempenho, porém o faz com intensa ansiedade. A ansiedade antecipatória acentuada também pode ocorrer bem antes do advento das situações sociais ou públicas (por ex., preocupação todos os dias, por várias semanas, antes de comparecer a um evento social). Pode haver um círculo vicioso de ansiedade antecipatória levando à cognição temerosa e sintomas de ansiedade nas situações temidas, que levam a um fraco desempenho, real ou percebido, nessas situações, levando, por sua vez, ao embaraço e maior ansiedade antecipatória acerca das situações temidas, e assim por diante. (...)

Hospedada no site de relacionamentos Orkut, o mais popular entre os brasileiros, a comunidade “Fobia social” é um fenômeno. Podemos considerá-la de médio porte (9.174 membros, em 09/02/2007), movimentada e coerente com a proposta original e

3 O DSM IV, abreviatura de Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - Fourth Edition, publicado pela Associação Psiquiátrica Americana em [Washington \(1994\)](#), é a principal referência de diagnóstico para os profissionais de [saúde mental](#) no mundo todo.



colaborativa. O estranho paradoxo é o fato de pessoas que se afirmam sociofóbicas participarem com desenvoltura de uma situação social que é a comunidade virtual, sujeitas a críticas e ridicularizações, possibilidade que todas consideram com pavor. É importante lembrar que a comunidade é do tipo pública, ou seja, qualquer pessoa cadastrada no Orkut pode participar dela sem passar por nenhuma seleção, sejam suas intenções construtivas ou destrutivas. Pontualmente surgem pessoas que abrem tópicos de agressões e ofensas gratuitas, e então sofrem o que no meio cibernético se chama de *flame*, um bombardeio de mensagens rechaçando a atitude do provocador. No entanto, esses que reagem às provocações, são os mesmos indivíduos que admitem terem medo de discussões, de falar o que se pensa e afirmam que poucas vezes ou nunca fizeram isso. Há quem escreva mensagens como “procuro namorada” ou “me adicione no MSN” ou ainda com confissões bastante íntimas. Isso tudo leva a crer que o embaraço em situações sociais se reduz bastante no ciberespaço, e em especial nessa comunidade virtual. A limitação desses indivíduos não está essencialmente no ato de se comunicar (muitos escrevem de forma bem articulada e ortograficamente correta), mas de se expor. Com o ciberespaço, elas têm um canal em que é permitido se comunicar sem se expor, ou se expondo minimamente. São interações reais, só não são presenciais. A virtualidade é uma forma de realidade.

O interesse por essa pesquisa reside no fato das comunidades virtuais serem um fenômeno recente, que provavelmente assumirá papel importante nas transações sócio-culturais, políticas e econômicas no século XXI. Limitações de todas as espécies são atenuadas ou suprimidas no ambiente virtual. No caso dos excessivamente tímidos, se abre a possibilidade de saírem da solidão e não se sentirem mais tão desajustados ao mundo, pois encontram pessoas que passam pelos mesmos problemas e descrevem quase literalmente suas próprias angústias, proporcionando a identificação mútua. O aspecto mais subjetivo dos impactos das novas tecnologias sobre as vidas das pessoas é tão importante quanto os aspectos mais externos. A sociedade é formada por pessoas, não por simples números. O individualismo que floresceu desde os primeiros passos do capitalismo provocou conseqüências devastadoras para a saúde emocional dos filhos dessa época. A geração de poetas românticos que cantavam as frustrações da vida e que morreram quase todos jovens é bem exemplar desse contexto. A depressão é a doença da modernidade, ou, como diria Capra, uma das “doenças da civilização” (Capra, p.131)



A área da Comunicação Social tem relação direta com esse problema. Os meios de comunicação de massa favoreceram o aumento das neuroses. Por meio da mídia, as pessoas vêem um mundo ilusório de beleza, felicidade, riqueza, uma grande Disneylândia, e se sentem profundamente frustradas por não conseguirem alcançar aquele grau de perfeição. A vida é padronizada com um número de exigências cada vez maior. O estilo de vida ideal pregado pela mídia se confronta com a realidade desencantada da maioria das pessoas. O esquema um-todos de comunicação vende a ideologia do “um”, que identifica a felicidade com o consumismo, vida sexual hiperativa, beleza olímpica. Quem não se encaixa nesses padrões é sumariamente excluído da vida social ou se auto-exclui.

Trazer questões que tradicionalmente estão restritas ao campo da Psicologia à pesquisa em Comunicação Social é a finalidade dessa pesquisa. As duas áreas são bastante próximas, tanto a Psicologia cada vez mais reconhece a importância do contexto social na subjetividade individual, quanto a Comunicação tem encontrado um equilíbrio entre as visões “apocalípticas” e “integradas” na percepção dos indivíduos não como meros receptores de informação, mas como seres capazes de fazer ilações tendo como referências suas próprias histórias de vida. No caso das comunidades virtuais, tal protagonismo do usuário (notem que deixamos de ser espectadores para sermos usuários, o que dá idéia de ação) se evidencia pela falta de mediadores especializados no canal de comunicação. A programação é feita coletivamente, como em uma grande assembléia pública.

A receptividade que o tema da pesquisa encontrou nos membros da comunidade, pelo motivo de desejarem ter seus problemas mais compreendidos pelo restante da sociedade, também é uma motivação para levá-la adiante.

O indivíduo em um redemoinho de relações

Na terceira parte da sua obra *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer, a quem muitos atribuem o rótulo de “o filósofo do pessimismo”, faz uma longa digressão sobre os efeitos sublimes que a arte provoca nos indivíduos, libertando-os do *principium individuationis* através da pura contemplação estética. Toda a sua discussão acerca do mundo das idéias e do mundo sensível, em um diálogo com os precursores Platão e Kant, não encontra espaço nesse artigo. O importante para nós na



obra de Schopenhauer é perceber do que se trata o *principium individuationis* a que se refere, pois eis a raiz daquilo que autores contemporâneos vêm resgatando: a noção de indivíduo e identidade. Talvez o que aproxime Schopenhauer dos indivíduos que se enunciam sociofóbicos seja o eco encontrado por suas teorias na angústia desses. A todo momento, este autor se refere ao princípio de individuação (portanto, a própria percepção de indivíduo) como algo negativo, fruto da predominância da vontade cega do corpo sobre a racionalidade do espírito. Este corpo estaria submetido às falsas impressões provocadas pelas sensações, que instintivamente repartem o mundo nas grandezas tempo e espaço, que segundo o filósofo, não existem por si, mas somente na cabeça do sujeito cognoscente. Para fazer um elo com a questão da fobia social, diríamos que tais impressões são demasiado intensas na pessoa que se transtorna com a presença de outras pessoas. Para elas, cada evento é um acontecimento totalmente novo que exige uma precaução especial. Cada nova pessoa conhecida está envolta em um grande mistério, que seduz e afugenta, pois se tem a impressão de que ela representa perigo. A fobia social é na verdade um grande egocentrismo, pois o indivíduo se vê no centro de um redemoinho de relações.

Como o conhecimento de sociofóbicos se baseia em experiências fracassadas na relação com outros indivíduos, eles tendem a acreditar que o problema está essencialmente neles, porque eles teriam algum defeito imperdoável. Abaixo, reproduzimos trechos de um tópico intitulado “Complexo de inferioridade”, em que os membros da comunidade trocam experiências frustrantes (a linguagem da internet e os nomes declarados foram mantidos):

+Amanda+: “Ontem de manhã fui fazer compras com a minha mãe e a minha prima. Minha prima tem 14 anos, e entrava nas lojas sozinha, batia papo com as vendedoras, comprava as coisas numa boa, pagava contas e tal.. e eu nem conseguia entrar na loja, mesmo acompanhada da minha mãe. Eu me senti um lixo ontem. Minha prima é fútil, bombou várias vezes na escola, é um tanto "burrinha", e consegue fazer as coisas e conviver com as pessoas numa boa. E para arrematar, minha mãe ficava dizendo: "Olha a sua prima, entra nas lojas sozinha, compra o que quiser sem precisar que ninguém vá com ela! você tinha que largar dessa palhaçada de "vergonha" e aprender com ela."

Nossa... ontem foi um dos piores dias da minha vida, me senti muito



mal. E o pior é que minha mãe acha que eu sou assim porque eu quero.

Sempre me senti inferior, agora estou me sentindo mais.

Alguém já passou por alguma experiência parecida?”

Ângela: “ff passe muito por isso...justamente com os meus primos e primas..mesma coisa...meus pai sempre me comparando com eles...isso gera uma ansiedade muito grande na gente..e muito ruim”

**Anônimo*:* “Vc não pode comparar seus defeitos com as qualidade dos outros.”

o: “Você pode fazer o reverso também: ver suas qualiddes”.

Rasec: “Vc tem que entra na loja tem que aguenta o vendedor tem que empurra um monte de coisas tem que fingir que gosto do vendedor tem que dar criticas sobre a roupa tem que saber dizer não tem que não parecer idiota tem que receber a opinião da mãe tem que fazer uma escolha. Resumindo loja de roupa é uma zona de guerra Oo”

+Amanda+: Rasec, Você disse tudo agora! Rsr

Pedro: “eu não me sinto bem fazendo compras com meus pais...é um saco entrar em lojas e conversar com o vendedor com eles por perto... quando eu vou sozinho não tenho problemas...aliás qualquer coisa que eu faço sozinho, sem nenhum conhecido por perto, eu faço melhor...”

o: Rasec, já se perguntou? O vendedor te empurra um monte de coisas, problema é de quem? Não é ele que quer vender? Para que fazer disso o seu problema? Para que fingir que gosto do vendedor? Para agradar quem? Para que dar criticas sobre a roupa? Você é o cliente, e se vc não gostou, precisa explicar? Dizer "não" é algo que a maioria das pessoas têm que aprender. Não só vc. Ah, já lidei com muita gente que têm táticas de vendas quase perfeitas... Se vc não gostou do produto em primeiro lugar, não é nem bom escutar esses tipos. Para que escutar, se vc já não gostou do produto? Tentar não parecer um idiota não te faz parecer um idiota? Imagine na pele de uma pessoa te observando, vc tentando não parecer um idiota... Por tentar, vc não está "assumindo"?

Quanto à opinião da mãe, putz, quanto mais cedo vc largar da opinião da mãe e criar a sua própria opinião, muito provavelmente mais vc terá realizações em sua vida..., pelo menos se vc for homem, desculpe, não sei porque vc é fake. Aprender a fazer escolhas não é parte do processo de maturidade?

Uma comunidade emocional

Conforme Levy pontua, percebemos nesse debate uma forte afinidade entre os seus participantes, que conversam como se conhecessem uns aos outros intimamente. O membro chamado simplesmente “o” chega a atuar como uma espécie de analista dos problemas criados pelos seus interlocutores, mesmo que deles não conheça mais do que um simples nome ou apelido, na maioria das vezes enigmático. “O” pede desculpas a “Rasec” por não saber se é homem ou mulher, já que esse último usa um perfil “fake” (falso). Aliás, “o” também não se expõe. Isso demonstra claramente que, diferentemente



do que os críticos da tecnologia apregoam, esses aparatos não excluem as ligações emocionais entre os indivíduos. Fala-se muito em impessoalidade nos relacionamentos mediados pela tecnologia. Isso pode ser parcialmente verdadeiro no caso dos meios de comunicação de massa tradicionais, em que um único agente precisa se dirigir a uma vasta gama de pessoas, necessitando assim se comunicar em uma “linguagem padrão”, embasado em uma pretensa padronização da audiência. No entanto, em uma comunidade virtual não existe de forma alguma impessoalidade. Pessoas reais se encontram em um ciberespaço e começam a conversar sem qualquer tipo de mediação. O fato de se utilizarem de pseudônimos, e até de heterônimos, não muda em nada o caráter afetivo do diálogo.

Essa reflexão inerente às novas formas de interações sociais emergidas com a pós-modernidade é feita por Maffesoli, quando ele cria o conceito de “socialidade”. O que seria a socialidade? Segundo Maffesoli, é um evento social diferente da já conhecida *sociabilidade*, porque independe de proximidades espaço-temporais e mesmo de laços culturais para se efetivarem. A socialidade é efêmera, desaparece quase ao mesmo tempo em que é criada. Ela está assentada basicamente em vínculos criados a partir da emoção ou euforia de um momento. Por exemplo, uma torcida de futebol. O sentimento grupal tem a mesma duração da partida, em que muitas pessoas chegam ao ponto de abraçar um estranho levadas pela emoção de ver um gol do seu time.

Acredito que a comunidade “Fobia social” pode ser incluída na noção de socialidade proposta por Maffesoli. O debate é um evento que congrega os seus participantes em um sentimento comum. Ele é bem mais emocional do que racional, pois existe a ilusão de privacidade que leva ao tom de desabafo dos participantes. No entanto, as centenas de milhões de pessoas que acessam a internet no mundo inteiro são leitoras em potencial de detalhes das vidas íntimas de pessoas que não os confessariam nem para outras muito próximas de seus respectivos círculos sociais. Assim como no jogo de futebol, na comunidade virtual essas fronteiras são momentaneamente esquecidas, fazendo com que as pessoas exponham suas subjetividades a desconhecidos. Para Maffesoli, a socialidade explicita a falácia do projeto racional da Modernidade. Tal racionalismo é incompatível com a natureza humana, que necessita de válvulas de escape para o afloramento das emoções. O ser humano precisa desabafar



largamente a sua subjetividade. Seja em um bloco de Carnaval, em um jogo de futebol ou em uma comunidade virtual.

“Fóbico que é fóbico”

Nesses meses dedicados ao estudo exploratório da comunidade “Fobia social”, pude perceber que para os seus membros a fobia social é mais do que um transtorno mental. É um estilo de vida. Os sociofóbicos são mais do que doentes. Juntos, eles conformam uma tribo. Isso está evidenciado em comentários recorrentes sobre a “legitimidade” da fobia de um ou outro membro. Bem como os *punks* devem usar coturnos, roupas pretas e cabelos extravagantes para serem aceitos no grupo, o “fóbico que é fóbico” também deveria seguir certos padrões estéticos e comportamentais, segundo uma tendência ainda não generalizada, pois existem os “rebeldes”, que protestam contra o julgamento sumário e a estereotipação.

Um número significativo de membros se sente extremamente incomodado quando notam que alguém não apresenta o completo estereótipo do sociofóbico, segundo a visão deles. Para essas pessoas, é “estranho” que um fóbico tenha mais de cem amigos no Orkut; que em seu perfil eletrônico constem depoimentos de alguns desses amigos (o que dá a entender convívio social); que ele coloque fotos de sua imagem física na internet (caso haja fotos, o “fóbico que é fóbico” não pode estar sorrindo ou em situações de convívio social); que ele preencha com alguma idéia original o espaço “quem sou eu” no perfil eletrônico (o ideal é não preencher, ser lacônico ou colocar uma poesia trágica) e, finalmente, são considerados “mais fóbicos” aqueles que utilizam perfis falsos, com nomes e imagens falsas, não aceitando ninguém como amigo, ou no máximo aceitando membros da própria comunidade. Nesse particular, a preferência pela linguagem sarcástica e aborrecida nos comentários tem total relação. O humor, caso haja, deve ser o humor negro, inteligente e irônico. Em comparação com outros locais do ciberespaço, a língua portuguesa é mais respeitada nessa comunidade, o que passa imagem de sobriedade.

Algumas dessas regras não estão explicitadas, mas foram deduzidas da visita a perfis eletrônicos de alguns dos mais atuantes membros da comunidade. Eles têm perfis falsos (*fakes*), que preenchem com imagens de cores e temas sombrios, como um anjo negro, uma modelo pálida, ou um monstro. Essas pessoas demonstram ter uma



afinidade estética com a melancolia, que podem extravasar na rede virtual, já que provavelmente não têm coragem para assumir um visual agressivo de afirmação no “mundo real”, como fazem os góticos, *punks*, e *hippies*, por exemplo. Portanto, o ciberespaço é de vital importância para a existência da “tribo dos sociofóbicos”.

Apesar dessa identificação, o discurso corrente é da esperança de cura. Os membros mutuamente se incentivam a perder um pouco a vergonha em situações cotidianas, como falar em sala de aula, paquerar uma garota ou ir ao supermercado. No entanto, depoimentos de cura são tratados com ceticismo pela maioria dos membros. Imagino que esse seja um mecanismo de defesa da “tribo” contra um “desertor”. São levantadas dúvidas sobre se o que ele tinha era mesmo fobia social, são pedidos detalhes desse processo, ou simplesmente são ignorados. Os tópicos com maior número de comentários referem-se a experiências negativas, sendo que os depoimentos vitoriosos são desdenhados e ironizados. Tem-se a impressão que o testemunho de fracassos é incentivado, pois condiz com a reprodução social do grupo.

Todas essas ações podem ser caracterizadas como esforços para manter o *habitus* da tribo, usando o conceito de Bourdieu. Discursos de desagregação devem ser deslegitimados para não ganharem poder simbólico no campo social. O tópico intitulado “ironia”, que em 05 de fevereiro de 2007 contava com sessenta e três intervenções, é bem exemplar do *habitus* inerente à comunidade:

Xexelentinho: realmente eu fico olhando os recados do povo...mil recados chamando pra sair, perguntando como foi a night!kkkk 400 fãs...mil depoimentos...quando vejo isso eu penso se tratar mais de frescura mesmo.....pq nesse caso a pessoa pode ate ter fobia, mas nao sofre com isso (pelo menos parece).....o que incomoda e o sofrimento.....a falta de amigos, namorada...

Anônimo: Eu tenho uma teoria sobre isso. As pessoas tem uma vida dupla. Metade do dia elas fazem sucesso dentro do grupinho fechadinho delas, na outra metade do tempo elas tem que encarar a dureza de um mundo hostil, com pessoas que não as aceitam ou toleram. Isso sem contar com o pessoal que "add pra fazer volume".

Monalisa: Eu adoraria ter 590 amigos, adoro ficar deletando-os.

Xexelentinho: e facil perceber quando os amigos sao virtuais....e quando sao reais mesmo...tipo um monte de gente falando sobre coisas pessoais da pessoa, chamando pra sair, comentando sobre a ultima noitada! sao amigos reais! Se eu tivesse uma vida social assim o que eu estaria fazendo nessa comu???? sinceramente nao sei...so se fosse de zuera msm



+Amanda+: Eu acho que o orkut não serve de base para julgar se a pessoa tem fobia social ou não. Existem pessoas com fotos tristes, que aparentam ser depressivas e não tem scraps de amigos. Entretanto, muitas dessas pessoas têm muitos amigos de verdade, são extrovertidas e não são fóbicas sociais, enquanto existem pessoas que recebem scraps de amigos, possuem fotos alegres, saem as vezes mas tem problemas para se relacionar com as pessoas estando em estado sóbrio.

LeticiaUFRGS2007: Besteira, posso até ter vários amigos, mas isso não significa que eu não tenha fobia. Só a pessoa pra saber o que se passa com ela, quem tá de fora não tem noção.

Edu: 'amigos reais'? não tenho 'amigos virtuais'? como vocês podem ver são poucos e diminui a cada dia eu sei que as aparências enganam, mas que é difícil acreditar que certas pessoas dessa comunidade tenham fobia, ah isso é

Luis: fóbica, sei

Magno: Putz..... parece que algumas pessoas aqui até gostam de ser socio-fóbicos.... tratam a doença como se fosse um estilo de vida e até julgam as outras por não serem assim.

+Amanda+: "Fóbico que é fóbico tem que se trancar em casa." "Fóbico que é fóbico não pode ir em festas." "Fóbico que é fóbico não pode ter muitos amigos no orkut." "Fóbico que é fóbico não namora." "Fóbico que é fóbico não pode dançar." "Fóbico que é fóbico não faz novos amigos." "Fóbico que é fóbico não pode fazer nenhuma atividade extra-escolar." "Fóbico que é fóbico não pode ter foto no Orkut."KK

🤔 E aí gente? O que mais? Me ajudem aí com as "REGRAS BÁSICAS DE UM FÓBICO SOCIAL."

Hostilidade ao discurso científico

O ceticismo dos membros da comunidade “Fobia social” atinge vários tipos de discursos: a cura, a religiosidade, a ciência, etc. O discurso religioso é certamente o mais deslegitimado, pois quando é postada alguma mensagem nesse sentido, o enunciador logo recebe uma série de rótulos: “pastor”, “burro”, “iludido”, “fraco”, entre outros. Um grande número se define como ateus ou agnósticos. A crítica ao discurso religioso é feita com bastante agressividade, especialmente pelos *fakes*, que se aproveitam do anonimato para ofender impunemente. Tal prática tem a clara intenção de excluir os “crentes” do grupo, inibir a sua expressão, pois esse discurso está fora do *habitus* sociofóbico.

No entanto, o que mais chama a atenção é uma relativa negação do campo científico, especialmente dos psicólogos. São recorrentes depoimentos de pessoas que fizeram anos de psicoterapia e se dizem lesadas, porque os psicoterapeutas em nada mudaram suas vidas. Sendo assim, a categoria dos psicólogos é vista pelos membros da



comunidade como “mercenários”, e a psicoterapia como “dinheiro jogado fora”. A auto-suficiência dos membros é extrema: quando não estão desiludidos quanto à cura, acreditam que só depende deles e dos medicamentos. Nesse particular entram em cena os psiquiatras, como o caminho mais seguro para quem deseja se curar. Mas a ênfase no processo não é dada aos psiquiatras em si, e sim aos remédios que receitam. A relação com os médicos é bastante pragmática: eles são os fornecedores de remédios. Para perceber o papel secundário dado aos psiquiatras, basta verificar o estímulo velado ou explícito à auto-medicação. A grande esperança de cura é colocada na ação dos anti-depressivos e ansiolíticos. No entanto, os remédios são paliativos, pois a maioria demonstra ainda estar insatisfeita com a sua qualidade de vida.

Esse distanciamento em relação aos profissionais de saúde tem uma explicação: psicólogos e psiquiatras, esses últimos em maior grau, em geral não se envolvem afetivamente com os seus pacientes. O não-envolvimento afetivo é mesmo acreditado como a melhor forma de conduzir a terapia. Não é uma realidade exclusiva ao campo da saúde mental, sabemos que a prática médica está toda fundamentada na noção de racionalismo, que exclui o afeto. É o projeto moderno de civilização que não dá conta dos problemas de saúde da sociedade, por entender a realidade como partes, e não como um todo. Portanto, a depressão é categorizada como uma disfunção biológica predominantemente, que pode ser tratada com a ação de remédios. Capra é um crítico radical dessa noção, e defende que isso tem origem no sistema científico cartesiano, que se alastrou pela sociedade capitalista.

“Na medicina moderna, os problemas psicológicos e os problemas de comportamento são estudados e tratados por psiquiatras. Embora sejam médicos com treinamento formal, saídos das mesmas escolas de medicina, existe pouca comunicação entre eles e seus colegas de outras áreas, ou seja, entre os profissionais da saúde mental e os profissionais da saúde física. Muitos médicos chegam a olhar com sobranceria os psiquiatras, considerando-os médicos de segunda classe. Isso mostra, uma vez mais, o poder do dogma biomédico. Os mecanismos biológicos são vistos como a base da vida, os eventos mentais, como fenômenos secundários. Os médicos que se ocupam da doença mental são considerados menos importantes.

“Em muitos casos, os psiquiatras reagem a essa atitude aderindo rigorosamente ao modelo biomédico e tentando compreender a doença mental em termos de uma perturbação nos mecanismos físicos subjacentes ao cérebro. De acordo com esse ponto de vista, a doença mental é basicamente a mesma que a doença física; a única diferença é que ela afeta mais o cérebro do que qualquer outro órgão do corpo, manifestando-se através de sintomas mentais e não físicos. Esse



desenvolvimento conceitual levou a uma situação algo curiosa. Enquanto os curandeiros ao longo dos tempos tentaram tratar a doença física por meios psicológicos, os psiquiatras modernos tentam agora tratar a doença psicológica por meios físicos, tendo-se convencido que as doenças mentais são doenças do corpo.” (Capra, 1982)

Se os próprios profissionais de saúde aderem a um modelo que exclui as dimensões subjetivas do processo de cura, não é à toa que os membros da comunidade tenham uma relação marcadamente objetiva e pragmática com os terapeutas. A complexidade do ser humano é reduzida a padrões de comportamento, disfunções biológicas e moldagem do pensamento. Dadas as necessidades subjetivas intrínsecas ao ser humano, a comunidade “Fobia social” é um espaço de desabafo daquilo que os profissionais não têm tempo nem interesse em ouvir. Abaixo, reproduzo trechos de um debate da comunidade sobre a eficácia de tratamentos com profissionais:

Renato: psicólogo ou psiquiatra? É o seguinte gente, quanto ao psicólogo ou psiquiatra, sugiro os dois, ou uma pessoa que trate o seu problema que seja as duas coisas, por exemplo, eu tive por 3 anos depressão e sei o que você deve estar passando, fiz um tratamento com a Dra. Iara, é aqui de são paulo mesmo, z/n ela é muito boa, hoje fazem quase 2 anos que não tenho mais nada, creio que ajudará você e muito, nem precisará mais tomar os famosos anti-depressivos, recomendo, ela é muito famosa já escreveu mais de 10 livros sobre o assunto, além de dar aula em pós graduação... o telefone não tenho de cabeça agora, mas tem o site dela: www.iaracristina.com ah sei lá, dá uma conversada com ela sobre o tratamento, quem sabe ela não sugere algo... um abraço e espero melhoras para todos...

Adriana: fiz tratamento com 3 psicólogos diferentes em 3 épocas diferentes da minha vida e nenhum dos 3 me ajudou muito....não sei pq...

Renato: talvez nenhum desses três são muito bons, sabe, eu tb já tinha passado por muitos psicólogos em épocas diferentes da minha vida e tb nenhum deles tinha dado muito certo, acho que é aquilo, quem é bom é bom, o psicólogo tem que ser muito foda para saber exatamente o que a pessoa esta passando para resolver o problema dela...

Quilty: cara, eu frequentei uma psicóloga por 6 meses e piorei MUITO nesse tempo... só ficava pensando o quão besta eu era por ta torrando o dinheiro dos meus pais naquela porcaria... nao conseguia



falar nada com a mulher, não avançava no tratamento, cada vez que ela abria eu me irritava mais e mais... prefiro conversar com alguém que eu confie, nem que seja só virtualmente mesmo, do que ficar pagando pra alguém ficar só me olhando com cara de tédio

Fernando: é um erro grave não usar medicação

Érica: Os 2, aí com o tempo vc decide com quem seu tratamento evoluiu para melhor no seu caso.

Renato: queridos, é o que disse com minha psicóloga eu usava só no começo e fui diminuindo rapidamente pois ela usava alguns métodos que aceleravam o tratamento, como a hipnose, talvez por esse motivo hoje eu não preciso mais tomar medicamento nenhum e estou tão bem como nunca... deve ser não ?

Carlos: Quem realmente possui FS e provavelmente algum transtorno de personalidade junto, a medicação é muito importante. Para um fóbico social e esquizóide ou esquiva não há como superar certas crises de ansiedade e depressão sem o auxílio de benzodiazepínicos e a longo prazo do uso contínuo de algum antidepressivo.

Considerações Finais

Quando escrevi na comunidade “Fobia social” sobre o meu interesse em desenvolver uma pesquisa acadêmica tendo a própria como objeto, esperava uma postura reprovadora por parte daquele grupo. Por isso fiquei surpreso quando vi meu tópico atingir a marca de 48 respostas, praticamente todas de apoio à iniciativa. Agradeço em especial a alguns *fakes*, como Pernalonga e Spiritus Santus, que em bate-papos pelo MSN e comentários na comunidade ajudaram muito nas minhas reflexões. Inclusive me indicaram ver uma comunidade que reúne *fakes* praticantes de uma espécie de “terrorismo virtual”, infestando páginas e comunidades alheias de mensagens ofensivas. Isso só fortaleceu minha crença de que o ciberespaço abriga uma cibercultura, que funciona em uma complexa cibersociedade, como conceitua Levy. A experiência me fez viver a condição de “pesquisador sentado”, que tem em uma tela de computador todo o campo social que pretende explorar. As portas são abertas com um clique em um *mouse*.



As conclusões a que cheguei precisam ser constantemente atualizadas, acompanhando a dinâmica da Internet. Os membros da comunidade são transitórios, a cada dia encontramos personagens novos e personagens antigos desaparecem sem deixar rastros. Não sei o que foi feito de Pernalonga e Spiritus Sanctus. Eles estiveram presentes no início da minha pesquisa, mas logo sumiram. Ou assumiram outras identidades, que passam despercebidas a mim? Nesse caso não são mais Pernalonga e Spiritus Sanctus, são/estão outras identidades, assumiram outras personalidades, assim colocando para fora todos os “eus” reprimidos por si mesmos e também pelas pressões sociais.

As comunidades virtuais de fato são sociabilidades alternativas, pois verifica-se todas as características de um campo social ali: mobilidade, esforço pela criação de um *habitus*, solidariedade entre seus membros, compartilhamento de idéias, práticas e padrões estéticos. E o mais importante, existe uma diversidade de atores, que ultrapassam a noção de sujeito social como uma instância fixa e sagrada. Não há como saber quem ou quantos estão por trás de tantos personagens, o que de forma alguma deslegitima a comunidade enquanto campo social, pois ela tem a sua autonomia.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas* 6. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2005

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação – a ciência, a sociedade e a cultura emergente* – 28. ed. – São Paulo: Cultrix, 1982

DSM-IV - *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1995.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura* – São Paulo: 34, 1999

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível* – Petrópolis-RJ: Vozes, 1998

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação (III parte)* in *Os pensadores* – São Paulo: Nova Cultural, 1999

Comunidade Fobia Social, in www.orkut.com